

EDUARDO JOÃO CARDOSO MARTINHO

Quem sabe onde fica a sua casa, sabe tudo do mundo, disse um antropólogo francês. Falava ele da casa de família, mas pode-se ampliar o conceito, porque há outras casas de referência na vida de cada um de nós. Nesta perspectiva, sei onde fica a minha segunda casa, o Laboratório de Sacavém. Foi nessa casa que passei grande parte da minha vida desde Outubro de 1961 e a ela tenho voltado regularmente mesmo depois de aposentado em Abril de 2002. Foi aí que vivi muitas alegrias profissionais e conheci alguns dos meus melhores amigos. Decorridos mais de 40 anos de actividade, sinto-me de bem comigo próprio na hora do breve testemunho que me proporciona o convite do meu amigo Jaime da Costa Oliveira.

Os temas que propõe para reflexão – como a “ausência de estratégia”, por exemplo – são dominados por críticas de outrem, embora temperadas por contraposições pertinentes. Num certo sentido, tais críticas dizem-me pouco; noutra, tocam-me demasiado. Tendo conhecido quase todos os intervenientes e vivido muitas das situações por que passou o Laboratório, tendo conhecido condicionalismos inibitórios e circunstâncias adversas, não posso aceitar certas críticas de apoucamento da parte de quem lá não esteve e muito menos de quem lá esteve mas parece não ter estado. Por exemplo, não aceito a afirmação de que a instalação do RPI se saldou por um fracasso ou que se dê a entender que durante 40 anos nada se fez no Reactor. A realidade é outra e estou certo de que este livro o mostrará.

Julgo que não são defensáveis as posições de quem pede primeiro para dar depois. A esses, parafraseando John Kennedy, deveria talvez dizer-se: Não perguntem o que o Laboratório poderia ter feito por vós, mas sim o que cada um poderia ter feito pelo Laboratório... E muitos fizeram, a começar pelos que o conceberam – traçando-lhe orientações –, construíram e consolidaram, na medida do possível, a seguir à fase de arranque. De entre estes, seja-me permitido destacar como figura representativa o doutor Carlos Cacho, director-geral do LFEN entre 1961 e 1975. A memória desses pioneiros merece ser honrada, em nome da objectividade de factos conhecidos. Se o Laboratório conseguiu o prestígio que inegavelmente tem, deve-o a essas pessoas, e a todos os que, superando múltiplas dificuldades, cumpriram a sua missão ou fizeram do Laboratório o seu projecto de vida.

Aceitemos então que, face à conjuntura da época, “a formação de pessoal científico e técnico, ao invés de estar ao serviço de objectivos estratégicos, transformou-se numa finalidade”. Não terá resultado daí uma das linhas de força do Laboratório? Não terá sido a partir daí que surgiram domínios de especialização, projectos de investigação e linhas de actividade? Não foi nesse viveiro que trabalharam muitos investigadores que desempenharam, ou continuam a desempenhar, actividades relevantes ao serviço do País, nomeadamente em instituições públicas e entidades privadas? Por Sacavém passaram pessoas como João Sousa Lopes, Cândido Marciano da Silva, Rui Namorado Rosa, Manuel Amaral Fortes, Filipe Duarte Santos, João Lopes Baptista, Luís Alcácer, Horácio Maggiolli Novais, João Trindade Elias, António Pereira Domingos, António Salgado de Barros, Maria da Graça Figueiredo Dias, João Gaspar Caraça, João Duarte Cunha, José Mendes Mourão¹, Artur Vaz Ferreira, Rui Nunes Correia, Eurico Cabral da Fonseca, Dinis Magalhães Santos, António Pádua Loureiro, Adolfo Steiger Garção, Helder Coelho, Francisco Cardoso Vaz, Pedro Guedes de Oliveira, Fernando Carvalho Rodrigues, Margarida Salema Menezes, António Patrício Comprido, José Trindade Mota, Luís Arriaga da Cunha, António Gomes de Vallera, Paulino Magalhães Corrêa e António Amaral Coutinho, entre outros¹. Terá sido em vão a aposta nas pessoas?

Em Portugal espera-se demais das orientações vindas de cima. No passado, como no presente. Após 1974, que aconteceu de novo em matéria de definições de natureza estratégica nos laboratórios do Estado? E mesmo depois de ter sido criado um Ministério da Ciência e da Tecnologia e de ter havido as conhecidas avaliações por painéis internacionais, que sobrou das expectativas geradas? Em Sacavém, a atitude não tem sido de espera, caso contrário o Laboratório já teria soçobrado. No final, perdurarão os frutos do esforço de cada um realizado com sentido de grupo.

Aos colegas com quem me foi dado partilhar a co-autoria de alguns trabalhos² – António J.G.

¹ Nomes e ordenação como na *Lista do Pessoal da Junta de Energia Nuclear* referida a Dezembro.1972.

² Nomes por ordem alfabética.

Ramalho, C. Ramalho Carlos†, Carlos Veiga†, Fernando Cardeira, Heitor Silva, Isabel Caetano Gonçalves, Isabel Ferro Gonçalves, Jaime da Costa Oliveira, João Batista Menezes†, José Salgado, J.M. Peixoto Cabral, José Vieira Antunes, Luciana Catela Patrício, M^a. Ângela Gouveia, M^a. Anjos Neves, M^a. Carmo Freitas, M^a. Carmo Lopes, M^a. Carolina Vaz Carreiro, M^a. Fátima Reis, M^a. Isabel Prudêncio, M^a. Micaela Costa Paiva e Rogério Bairrão, entre outros –, os meus agradecimentos.

Aos membros dos projectos de I&D que tive a oportunidade de orientar (radiometria em reactores nucleares e análise por activação com neutrões), bem como aos membros da linha de actividades “Exploração do RPI”, de que tive o privilégio de ser responsável entre Março de 1990 e Abril de 1994 – período delicado durante o qual ocorreu uma crise profunda no Laboratório (1992-1994) em resultado da decisão política de o fazer sair da tutela do Ministério da Indústria e Energia –, as minhas saudações.

À memória dos colegas e amigos João Menezes, Ramalho Carlos e Carlos Veiga, que deram ao Laboratório o melhor de si mesmos, a minha sentida homenagem.

Ao autor deste livro, um bem-haja especial pelo esforço desenvolvido como dirigente em prol do Laboratório de Sacavém e, ultimamente, pela persistência e rigor com que tem vindo a contribuir para o conhecimento da história da nossa segunda casa.

Nota biográfica

Nascido na Chamusca em 1936, Eduardo J.C. Martinho é licenciado em Ciências Físico-Químicas (FC/ULisboa, 1961). Convidado a ingressar no Laboratório de Sacavém, iniciou a sua actividade em Outubro de 1961. Depois de ter participado na calibração inicial do Reactor Português de Investigação (RPI), foi enviado para Paris (com uma bolsa do Governo francês) onde frequentou com aproveitamento o curso de “Génie Atomique” (INSTN/Saclay, Julho.1963). A convite do Commissariat à l’Énergie Atomique, permaneceu em França até Março de 1965 como “collaborateur temporaire étranger” integrado na equipa do reactor Minerve.

A sua actividade como investigador foi desenvolvida principalmente no Grupo de Operação e Exploração do RPI. Aposentado desde Abril de 2002, participa em trabalhos de investigação no departamento de Física do ITN (colaboração iniciada em 1995). Realizou trabalhos de I&D na área da Física das Radiações de reactores nucleares e suas aplicações.

Exerceu funções docentes no Departamento de Física da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (1965-1980). Colaborou na regência da disciplina de Medicina Nuclear na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa (entre 1985 e 1997). Participou em acções de formação e de especialização profissional, nomeadamente em cursos para Operadores do RPI e cursos de Radiofarmácia para Medicina Nuclear.

É autor ou co-autor de mais de centena e meia de trabalhos de I&D. É autor ou co-autor de livros e outros trabalhos no âmbito de actividades docentes e de acções de formação e de divulgação científica. Foi um dos coordenadores e tradutores do Projecto FÍSICA da Fundação Gulbenkian. Colaborou na Verbo – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura e na Enciclopédia Verbo, Edição Século XXI (Cisão nuclear; Reactor nuclear; e Moderador de neutrões).

Realizou inúmeros colóquios de divulgação científica, em especial em escolas do ensino secundário, tendo colaborado no Programa Ciência (1998-2000) da Câmara Municipal de Lisboa. Participou em acções de formação e divulgação científica no âmbito do Programa Ciência Viva (1996-2001). Escreveu centena e meia de artigos de opinião e de divulgação científica em revistas e jornais regionais e nacionais.

Fez parte da comissão organizadora da Sociedade Portuguesa de Física, tendo presidido à primeira reunião da Assembleia Geral da SPF (Coimbra, Janeiro.1975).

Janeiro de 2004

In J.C. Oliveira, O REACTOR NUCLEAR PORTUGUÊS: Fonte de Conhecimento, Editora O Mirante, Colecção SABER, Santarém, 2005.

† Falecidos.